



Congresso Internacional  
de Administração  
ADM 2021

**24 a 28**  
**de outubro**  
Ponta Grossa - Paraná - Brasil

**SOBREVIVÊNCIA DAS ORGANIZAÇÕES  
EM TEMPOS INCERTOS:**

O papel dos gestores e do ambiente externo  
no sucesso e no fracasso organizacional.

## **ESTUDOS ORGANIZACIONAIS NO BRASIL: RETROSPECTIVA E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO**

### ***ORGANIZATIONAL STUDIES IN BRAZIL: RETROSPECTIVE AND OUTLOOK FOR THE FUTURE***

#### **ESTUDOS ORGANIZACIONAIS**

Diego Reis Chain, UFMG, Brasil, [diegorchain@gmail.com](mailto:diegorchain@gmail.com)

Daniel Pereira Alves de Abreu, UFMG, Brasil, [danielpabreu22@gmail.com](mailto:danielpabreu22@gmail.com)

#### **Resumo**

O campo de estudos organizacionais é uma área do saber cujo enfoque está em analisar as características e impactos culturais, políticas e socioeconômicas das organizações, sendo um dos pilares da administração. Suas origens remontam ao funcionalismo, todavia, na atualidade é composto por uma vasta gama de correntes teóricas ímpares. Com o objetivo de compreender o estado atual do campo, seus principais desafios e perspectivas para o futuro, o presente estudo realizou entrevistas semiestruturadas com docentes do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais. A justificativa do estudo decorre da necessidade de atualização de estudos acerca da evolução do status de campos científicos e da utilização de entrevistas com professores para agregar a esta discussão múltiplas visões sobre a área. Como principais conclusões, destaca-se a grande fragmentação do campo, o que não apenas reforça a ideia de que este é um campo ainda em disputa de múltiplos grupos que não dialogam entre si, como também acaba por preludiar o avanço e divulgação dos resultados científicos na área. Ademais, foram identificadas críticas a uma práxis desinteressada com aspectos sociais e que visam apenas a auto divulgação do pesquisador, o que parece estar cada mais recorrente no campo.

**Palavras-chave:** Estudos Organizacionais; Epistemologia; Práxis da Pesquisa Social

#### **Abstract**

*The field of organizational studies is an area of knowledge whose focus is analyzed as resources and cultural, political and socioeconomic studies of organizations, being one of the pillars of administration. Its origins date back to functionalism, however, nowadays, it is composed of a range of theoretical theories by vast odds. In order to understand the current state of the field, its main challenges and prospects for the future, the present study carried out semi-structured interviews with professors from the Graduate Program in Administration at the Federal University of Minas Gerais. The justification of the study to correct the need to update studies on the evolution of the status of scientific fields and the use of interviews with professors to add to this discussion a deepening of the view on the area. As main, as ideal, the great fragmentation of the field stands out, which is not only reinforced by a field still in dispute of several groups that do not dialogue with each other in the area. In addition, critics of a platform desintered with social aspects and aimed only at the researcher's self-disclosure were identified, which seems to be increasingly recurrent in the field*

**Keywords:** Organizational Studies; Epistemology; Praxis of Social Research

### **1. INTRODUÇÃO**

Segundo a concepção de Thiollent (2014), estudos organizacionais (EOR) é uma área do saber cujo enfoque está em analisar as características e impactos culturais, políticas e socioeconômicas das organizações. Além disso, o autor destaca que o conceito de organização deve ser

compreendido como algo amplo e que, além de empresas, deve englobar também instituições, entidades públicas, privadas e sociais bem como qualquer outra modalidade de vida social organizada.

Diferentemente das ciências naturais e exatas, o campo das ciências humanas e sociais permitem a coexistência de múltiplas perspectivas teóricas, isto é, paradigmas, os quais norteiam tanto o escopo do que é ciência bem como as principais preocupações, e em alguns casos, métodos (FISCHER, 2003). Esta discussão paradigmática teve sua origem com o trabalho de Kuhn (1962), que segundo Masterman (1970), podem ser compreendida em sentidos amplos: visão completa da realidade, escolas de pensamento e uso concreto de metodologias para identificação e solução de quebra-cabeças científicos.

De acordo com Morgan (1980), a presença de metáforas maquinárias, utilizadas por Taylor e Ford, e organismos, utilizadas por Fayol, bem como a ideia de burocracia apresentada por Weber, caracterizam os primórdios dos EOR dentro do funcionalismo. Não obstante, a consolidação do campo e o avanço das áreas de filosofia e sociologia, permitiram o surgimento de novas perspectivas onto-epistêmicas, tais como o estruturalismo, pós-estruturalismo, marxismo, realismo crítico, dentre outras. De forma sintética, esta guinada paradigmática ocasionaram quatro principais mudanças nas pesquisas em EOR: um objetivo gerencial para um objetivo crítico; de uma ontologia realista para uma ontologia relacional; de um enfoque único para um enfoque interdisciplinar; e de um busca para a neutralidade para uma busca por engajamento (ERGENE; BANERJEE; HOFFMAN, 2021)

Ademais, conforme apontado por Ferraz et al. (2018), a existência de múltiplas epistemes não ocorre de forma harmoniosa. Na verdade, ela se manifesta de forma conflituosa no campo das ciências sociais, de tal forma que cada perspectiva não busca apenas a legitimação para sua forma de raciocínio, mas também gera uma potencial ruptura entre os acadêmicos do campo.

Nesse sentido, conforme apontado por Sa et al. (2020), quaisquer análises a respeito da produção dos EOR geraria uma imagem fragmentada do todo, a qual depende da visão de quem o faz. Assim sendo, embora não seja inédito um trabalho que mapeia a área de EOR, se torna interessante realizar tal estudo dando voz aos agentes que atuam no campo e que possuam relevância, de um ponto de vista acadêmico, para compreender como estes veem as transformações no campo, seu atual enfoque, suas barreiras e quais são suas perspectivas para o futuro, se diferenciando assim de estudos anteriores que se pautam, sobretudo, em análises a partir de epistemes individuais e revisões bibliográficas.

Com isso em mente, foram realizadas entrevistas com professores componentes do quadro permanente de docentes do Curso de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais. A escolha dos docentes se deu tanto pela experiência acadêmica dos mesmos quanto pela relevância dos estudos publicados por estes. Ademais, foram selecionados professores que partem de diferentes alinhamentos onto-epistêmicos, visando a comparação dos relatos, identificando pontos de convergência e divergência entre os docentes.

Por questões de proteção dos mesmos, suas identidades foram resguardadas em sigilo, porém suas reflexões feitas durante as entrevistas permitem não só o mapeamento da atual situação do campo de estudos organizacionais, como também gerar insights acerca do futuro da área.

## **2. CAMPO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS NO PAÍS**

### **2.1 Transformações nos métodos em Estudos Organizacionais**

Conforme apontado por Downey e Ireland (1979), pesquisas sociais em administração possuem, originalmente, uma inclinação para os métodos quantitativos, isto é, epistemologicamente

veem como viável a representação do mundo como algo quantificável. Todavia, os avanços no campo da Antropologia e Sociologia culminaram em uma guinada científica que tornou a visão qualitativa interessante para estudos em Ciências Humanas, como é o caso da Administração. Nesse aspecto, enquanto os estudos quantitativos possuem um enfoque no rigor estatístico e em geral pautado no positivismo, os modelos qualitativos de análises possuem, em geral, o objetivo de realizar análises a partir de dados descritivos, observações e mesmo interações do pesquisador com o seu objeto de estudo (NEVES, 1996).

O trabalho de Cornelissen (2017) destaca que o aumento de estudos qualitativos no campo da Administração não apenas indica a valorização deste tipo de estudo por parte dos pesquisadores, como também sinaliza o reconhecimento por parte dos periódicos. Entretanto, conforme apontando pelo autor, assim como por Gephart (2004) e Lee e Cassell (2013), as métricas qualitativas não são homogêneas, tanto do ponto de vista epistêmico quanto do ponto de vista analítico.

Os estudos de Wilhelmy e Köhler (2022), Johnson (2015), Bluhm et al. (2011), apontam que a pesquisa qualitativa não se mantém alheia aos efeitos do tempo. Desse modo, verifica-se que o status da sociedade e do meio acadêmico influenciam na produção de pesquisas qualitativas. Essas transformações ocorrem tanto no campo paradigmático quanto no campo formal.

As mudanças epistêmicas nas pesquisas qualitativas são descritas, por exemplo, no trabalho de Denzin e Lincoln (2006). Neste estudo, os autores destacam seis momentos na produção qualitativa, desde suas origens, muito atreladas aos fundamentos positivistas dos métodos quantitativos, até o início do século XXI, em que a vertente crítica passou a ter maior representatividade. Todavia, no período de 2000 em diante, denominado “Futuro”, os autores deixaram em aberto quanto as suas características, sinalizando a oportunidade de preencher tal lacuna com trabalhos mais recentes sobre o tema, associado, sobretudo, às mudanças tecnológicas. Assim, tem-se a adaptação dos meios de coleta de dados *in loco* para a realidade virtual (MELO; DOURADO, 2022), novos meios de interação e socialização (BUCHANAN; BRYMAN, 2007; FISCHER; LYON; ZEITLYN, 2017), novos métodos de pesquisa, como a netnografia (BARTL; KANNAN; STOCKINGER, 2016) e as questões de ética nas pesquisas sociais (ZALUAR, 2015). Ademais, à medida que o campo se transforma, novas perspectivas de análises são promovidas às metodologias tradicionais, visando trazerem novas reflexões para as análises.

Assim, fica evidente que a pesquisa qualitativa sofreu alterações ao longo dos séculos, desenvolvendo suas próprias metodologias e perspectivas de análise. Entretanto, conforme apontam Cornelissen (2017), Harley e Faems (2017) e Duberley (2015), não apenas a discussão entre quais vertentes de análise, qualitativa e quantitativa, se extinguíram, como também existe uma certa resistência quanto ao rigor metodológico de estudos hermenêuticos.

## **2.1 Estudos Organizacionais no país**

O trabalho com o mapeamento do campo de EOR no Brasil não é algo inédito. Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990) relacionaram um maior foco das pesquisas em mudança e inovação organizacional e administração e planejamento com o cenário de estabilidade econômica que as empresas passaram em meados da década de 80. Rodrigues e Carrieri (2001) analisaram as publicações de quatro grandes periódicos da área de administração e concluíram três pontos importantes: i) há predominância de EOR nestas revistas; ii) embora existisse preocupações teóricas, a predominância prática era principal norte das publicações; e iii) baixo volume de trabalhos nacionais nas referências utilizadas, com predominância de trabalhos anglo-saxões.

Teixeira (2003) aponta o alinhamento entre EOR e a filosofia e sociologia, destacando as múltiplas vertentes epistemológicas e metodológicas, bem como qual enfoque de estudos são mais coerentes para cada uma. Esse trabalho se assemelha com o realizado posteriormente por De Paula (2016), todavia, a autora insere também uma alternativa de visão de disputa kuhniana, com o objetivo de harmonização entre os pesquisadores de EOR, além de uma reflexão sobre as vantagens de se considerar aspectos da psicanálise dentro das pesquisas críticas da área.

Thiollent (2014) destaca que o Critical Management Studies (CMS) foi um movimento relevante contra a visão tradicional e neoliberal em EOR. Não obstante, o autor reforça que essa perspectiva, embora fuja das práticas funcionalistas, ainda possuem como referência a realidade do Norte. Nesse aspecto, é necessário dar mais voz aos autores do Sul para que possamos ter uma perspectiva mais próxima destas realidades sulistas, em que se destaca, para o caso brasileiro, autores como Maurício Tragtenberg, Alberto Guerreiro Ramos, Paulo Freire e Álvaro Vieira Pinto.

Por fim, Carrieri e Correia (2020) apontam a necessidade da aproximação entre a produção acadêmica e a sociedade, reforçando uma preocupação com os saberes locais, realidades regionais e a diversidade. Assim, até os dias atuais, podemos observar que algumas vertentes de EOR ainda se mantêm vinculados ao funcionalismo e aos modelos americanos de gestão, embora já seja possível verificar o início de uma guinada no enfoque de pesquisas em campos alternativos

### **3. METODOLOGIA**

No início do século XX a Universidade de Chicago iniciou uma tradição em estudos sociais com a fundação do Departamento de Sociologia e Antropologia, que acabou se tornando o principal centro de estudos em pesquisas sociológicas da época. A Escola de Chicago, como ficou conhecida, foi responsável pela difusão e aprimoramento de diversas correntes teóricas e aplicações de métodos de pesquisa científica, tanto quantitativa quanto qualitativa, explorando diferentes ferramentas que produzem informações como documentos, imagens, diários, relatórios, questionários e uso de entrevistas (BONI; QUARESMA, 2005).

Nesse sentido, a tradição da pesquisa qualitativa na Sociologia ganha forma e força. Segundo Minayo et al. (2016), as pesquisas qualitativas dentro da sociologia trabalham com significados, motivações, valores e crenças, que não podem ser reduzidos à simples números, isto é, as abordagens quantitativas, uma vez que a subjetividade e as particularidades devem ser levadas em conta.

Considerando que o objetivo do presente estudo é realizar uma reflexão sobre o estado do campo de EOR, o caminho metodológico escolhido para alcançar tal objetivo foi a realização de entrevistas em profundidade semiestruturadas com especialistas.

Meuser e Nagel (1991) destacam “especialista” como aquele que possui interesse e profundidade de acordo com o interesse ou objetivo de dada área em questão e, não necessariamente, por ocupar determinado cargo. Ainda, conforme os autores, em entrevistas com especialistas o entrevistado deve ser visto como representante de uma organização ou instituição, isto é, representar uma estrutura em que faz parte, com poder de decisão para deliberar e resolver problemas.

Já Lakatos e Marconi (2021) destacam que a entrevista semiestruturada e em profundidade permite a liberdade de expressão do entrevistado e a manutenção do foco pelo entrevistador, em que este recurso metodológico parte de uma base teórica e pressupostos definidos pelo entrevistador, onde é possível recolher respostas a partir da experiência subjetiva do entrevistado selecionado por deter informações de interesse para a pesquisa (ADAMS, 2010).

Ainda, Boni e Quaresma (2005) afirmam que as entrevistas semiestruturadas podem ser combinações de perguntas abertas e fechadas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto.

Quanto a preparação da entrevista, tanto na seleção dos entrevistados e elaboração das perguntas, Lakatos e Marconi (2021) destaca que trata-se de um elemento fundamental da pesquisa. Assim, foi decidido entrevistar seis professores doutores em administração e que compõem o núcleo permanente de docência da Pós-Graduação em Administração na Universidade Federal de Minas Gerais. A escolha desta universidade decorre de ser uma das maiores e melhores universidades públicas do país, contendo uma estrutura ímpar, bem como corpo docente diversificado, especializado e de destaque, o que permite o acesso a múltiplas visões do campo de EOR do ponto de vista de especialistas.

A escolha destes professores foi feita dada a proximidade dos pesquisadores com estes professores, além da ampla influência e produção acadêmica dos mesmos no campo de EOR. Ainda, a escolha foi feita com base na heterogeneidade quanto a práxis de pesquisa e alinhamento onto-epistemológico. Para fins de sigilo, as identidades dos professores foram suprimidas e lhes foram atribuídos pseudônimos de Professor 1 a 6 ao longo deste estudo. Já quanto as questões elaboradas, o Quadro 1 apresenta o escopo das perguntas, bem como a motivação utilizada para abordar o assunto das entrevistas.

Com base nas entrevistas, após as transições, foram levantados os principais pontos discutidos pelos entrevistados. Tomando como base as respostas das 11 perguntas feitas, assim como informações adicionais relatadas pelos professores, foi elaborado uma análise temática indutiva conforme proposto por Bardin (2015). Nas análises, foram consideradas as categorizações a partir da perspectiva semântica, isto é, temas, visando sobretudo compreender as diferentes dimensões das percepções do campo de EOR.

PERGUNTAS/TEMAS	GRANDE NÚCLEO DE SENTIDO
Qual o foco que o campo de EOR tem ou deveria ter pra você?	Compreender como o pesquisador enxerga o campo de EOR
Qual sua visão sobre o campo de EOR?	
Você enxerga algum avanço no campo?	
Como você se sente quanto ao futuro do campo de EOR?	
Como sua pesquisa contribui para o campo?	Compreender como o pesquisador se relaciona e interage com o campo e com seus agentes
Como você trabalha com sua visão de mundo em sala de aula e com projetos de extensão?	
Você costuma trabalhar em redes de colaboração?	
Como você enxerga questões de infraestrutura nas pesquisas de EOR?	Compreender quais os principais desafios enfrentados dentro do campo
Como você enxerga questões de financiamento para pesquisas de EOR?	
Quais as principais barreiras você enxerga no campo de EOR?	
Você acredita que o fato de ser mulher impactou a sua relação com o campo? *	

\*Feito apenas para as pesquisadoras entrevistadas

Quadro 1 - Temas Propostos Para a Entrevista

Desta forma, a próxima seção apresenta a análise dos resultados, que identificaram 12 subnúcleos de sentido. Devido à restrição de espaço, as seções foram condensadas em três divisões, conforme exposto no Quadro 1 acima. Ainda, é importante destacar que, tendo como base as características das categorias expostas tanto por Bardin (2015) e Franco (2005), algumas

categorias intermediárias foram criadas em um primeiro momento e, *a posteriori*, foram modificadas para atenderem sobretudo aos critérios de exclusividade mútua e homogeneidade.

#### 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

##### 4.1 Como o pesquisador vê o campo de EOR

Nesse primeiro momento das entrevistas, o principal interesse foi tentar entender o que seria o campo dos estudos organizacionais, qual seu foco enquanto objeto de pesquisa e se os pesquisadores enxergavam algum tipo de tendência na produção acadêmica neste sentido. Logo de início, foi possível identificarmos uma diferença significativa na posição de cada entrevistado sobre o tema, destacando a pluralidade de visões sobre o que seria os EOR enquanto objeto e tema de pesquisa em Administração.

Para o Professor 6, por exemplo, esta questão não deveria nem ser levantada, uma vez que em sua visão “[...] não cabe nem a mim, nem a uns, aos meus coordenadores definir o que cabe a campo”. Por outro lado, para o Professor 4, é necessário um questionamento além, esbarrando no próprio conceito do que é Administração, como fica claro no trecho:

*“Eu entendo que a gente precisa fazer um diálogo com a administração, tensionando o próprio conceito de administração e não fazendo o movimento de expandir os estudos organizacionais [...] como tornando a administração uma subárea de seus estudos.”*

Apesar da opinião dos professores se diferenciarem em relação à função de EOR, em contrapartida fica evidente que há uma convergência de opiniões quando o questionamento é feito sobre qual deveria ser o foco do campo. De forma consensual, é praticamente impossível se inserir no campo sem pensar como objeto de pesquisa as organizações em seus múltiplos níveis, isto é, as relações sociais nas organizações, as disputas de poder, a gestão, entre outros aspectos. Essa visão é fortemente reforçada pelo Professor 1 ao afirmar que:

*“É que... a minha opinião, [...] se a gente está falando de estruturas organizacionais não dá pra contestar o objeto [pausa pequena], que é a organização. E que separar ele da administração, [pausa pequena] pra mim é... um contrassenso porque quando você fala de organização, o objeto administração vem junto”.*

Dentro do contexto do olhar do pesquisador sobre EOR, foram levantadas questões durante as entrevistas sobre a fragmentação da área. O resultado das entrevistas aponta que, em geral, os pesquisadores enxergam que esta grande diversidade faz parte da construção do campo e do conhecimento, que para o Professor 2 é fundamental ao dizer que:

*“Você tem a área de Estudos Organizacionais que vai quebrar conforme o filósofo: Marx, tem gente neo-Hegelianista, Foucaultiana, Derridariana, e aí vai embora, depende do filósofo que você tem pra base. Então a área de estudos organizacionais é muito abrangente [...]”.*

Por outro lado, podemos perceber que esta grande diversidade que a área comporta é, também, um problema. Isto é, o fato de EOR abarcar diversas teorias, conceitos e métodos, o Professor 2 deixa subentendido uma disputa dentro do próprio campo e que se estende para toda a Administração, o que leva um questionamento da própria área.

Uma outra questão que exemplifica esta fragmentação do campo é a questão do uso de metodologias quantitativas ou qualitativas. Embora existam discursos como os dos Professores 5 e 6 que reconhecem a validação de ambos os métodos dentro do campo de EOR, para os demais existe uma rixa evidente entre pesquisadores sobre a temática. Ademais, há também um reconhecimento de que as pesquisas qualitativas ainda são minorias nos estudos de EOR e que isso acaba por restringir avanços no campo e na construção do conhecimento.

Dada a dubiedade do campo de EOR exposta anteriormente pelos entrevistados, foi levantado o questionamento sobre a visão deles sobre o futuro do campo, isto é, quais as percepções dos pesquisadores sobre o que vem sendo publicado nas revistas, as tendências da academia neste sentido e se, para eles, é um caminho possível e relevante para o avanço do campo.

As respostas dos entrevistados foram homogêneas em um sentido pessimista, onde acreditam que há uma incerteza e até mesmo um retrocesso nos estudos da área. Dentre as atribuições dadas pelos entrevistados ao futuro do campo, podemos notar diferentes argumentos, mas que em geral convergem para o argumento de que o cenário político-econômico que o Brasil e o mundo como um todo passa afetarão as pesquisas na área por um longo tempo. Para o Professor 1, os EOR atualmente passam por uma transição em que o caminho a ser seguido é indefinido. Para ele, o sentimento pessimista enquanto ao futuro é reflexo de inúmeros problemas, que fica claro na seguinte fala:

*"É... e aí quando a gente vê a crise da pós graduação né, crise de financiamento, crise dos eventos, crise da própria área né, você não consegue ficar tão otimista né, até mesmo pelo contexto... nacional e internacional da política, da economia né, a gente tá vivendo um momento de crise né".*

Para o Professor 3, o futuro do campo será um reflexo do atual estado, que aponta para um cenário de conformidade com o que já está posto, onde os pesquisadores *"vão fazer só o feijãozinho com arroz dentro do mínimo que houver de abertura para aquilo [...] porque as brigas que nós tivemos que comprar não se compram hoje em dia."*

Por fim, apesar deste pessimismo dos pesquisadores sobre o futuro do campo, o Professor 6 destaca que, por outro lado, que pelo fato dos EOR serem uma área aberta a diversos tipos de pesquisa, há inúmeras possibilidades promissoras, mas que necessita de uma abertura do pesquisador nesse sentido, em que *"[...]você tem que cavar. Você tem que estar disposto a ir onde ninguém vai. Você tem que ser disposto a tomar não para caramba."*

#### **4.2 Como o pesquisador se relaciona e interage com o campo e com seus agentes**

Foi questionado aos entrevistados como eles enxergam o desenvolvimento das suas pesquisas dentro da área e suas contribuições. Por se tratar de uma pergunta de caráter mais pessoal, onde a intensão foi observar como os próprios pesquisadores definem sua pesquisa e sua inserção no campo, as respostas seguiram rumos diferentes, isto é, cada um optou por seguir um caminho para contextualizar a sua pesquisa. Os Professores 1, 2 e 5, por exemplo, contextualizaram sua trajetória acadêmica, falando sobre suas bases teóricas para o desenvolvimento das pesquisas. Já os Professores 3 e 6 foram mais incisivos no sentido de informar qual tipo de pesquisa gostam de trabalhar e como as desenvolvem.

Apesar deste contexto heterogêneo das respostas, foi possível identificar o posicionamento claro de todos os entrevistados sobre a maneira como organizam e gostam de trabalhar a pesquisa, bem como se trabalham num campo mais prático ou teórica. Além disso, foi possível observar uma grande diversidade de abordagens teóricas utilizadas pelos entrevistados, que corrobora com a questão levantada no tópico anterior sobre a característica multidisciplinar e teórica que estão presentes dentro de EOR

O Professor 1, por exemplo, ao descrever sua trajetória na academia, comenta sobre suas influências teóricas, que passa inclusive por teorias fora do escopo formal da Administração, como a Psicanálise. O Pesquisador 2, por outro lado, afirma que possui dificuldade de se localizar dentro de uma base teórica para a pesquisa devido a sua formação e trajetória acadêmica, que em suas palavras, foi muito ampla e diversa.

Além disso, sobre os possíveis aspectos de contribuições com as pesquisas para o campo e para a sociedade, devido ao posicionamento teórico diverso dos pesquisadores, os resultados também apontam caminhos diferentes. Para alguns dos entrevistados, pensar em contribuição exclusivamente para o campo de EOR é um pensamento fechado e contra produtivo, uma vez que pensar desta maneira, nas palavras do Professor 4, “[...] o campo ele delimita as possibilidades de pesquisa, né. Ele é um instrumento artificial do real, né, para delimitar o real e limitar as possibilidades de pesquisa.”

O Professor 3 complementa essa visão ao comentar que “[...] uma ciência que não seja de alguma maneira comprometida com a sociedade, ela não sabe para que ela tá... ela não serve mais.”

Em relação às proposições feitas sobre processos de ensino e orientação com seus alunos, tanto da graduação como da pós-graduação, os resultados apontam para uma preocupação, também presente nos aspectos da própria produção acadêmica, com a formação não apenas acadêmica dos alunos, mas também que se preocupem com uma formação que produza retornos para a sociedade.

Nesse sentido, o Professor 5 afirma que o espaço da sala de aula é um local sagrado, em que descreve sua atuação sobre ensino e orientação como:

*"[...] para os alunos em sala de aula...eu acho que é isso, assim, passar para eles uma preocupação com humanos, sabe, mostrar que a faculdade não é fábrica de gente que o mercado quer. Isso seria pouco, entendeu? [...] como a gente pra tornar a vida das pessoas melhor, entendeu? Ciência só serve pra isso, se não tá servindo é lixo."*

Para o Professor 6, inclusive, o processo de ensino e orientação faz parte de um sistema retroalimentado, isto é, durante as aulas os professores conseguem, através de discussões, levantar novas possibilidades de pesquisa, que geram novos resultados, que por sua vez podem ser ofertados como novas disciplinas futuramente.

Sobre o tema da extensão, os resultados das análises entre os entrevistados não foram homogêneos. Para o Professor 1 e Professor 2, o tema não apareceu na entrevista, muito embora estivesse dentro do arcabouço da entrevista. Todavia, a partir da análise do lattes destes pesquisadores, pode-se verificar que, sobretudo para o Professor 2, há um histórico de projetos de extensão predominantemente nas formas de minicursos, debates e ciclos de estudos. Em seu relato, fica clara a valorização da extensão pelo docente, tanto do ponto de vista social quanto do ponto de vista da formação do aluno. Inclusive, para ele há uma diferença clara para os alunos que participam de programas de extensão dos demais, indicando uma melhora acadêmica para aqueles.

Nesse sentido, o Professor 3 destaca que a extensão é o ponto de partida para todas as demais atividades dele e de seu grupo de pesquisa. Na verdade, sobre este tema, o professor mais uma vez volta a fazer uma retomada para o trabalho coletivo do grupo de pesquisa a partir do uso do “nós”. Pode-se perceber também que em seu discurso há uma preocupação em fazer o conhecimento emergir do social e ir para a sala de aula, isto é, o movimento que ele propõe para si e para o grupo de pesquisa que ele coordena é identificar grupos sociais para serem o foco de seus trabalhos e a partir de suas interações com o campo, o que o professor destaca como “trabalhar para eles” e posteriormente fazer “pesquisas com eles” e por fim, após o conhecimento adquirido com a extensão, formular aulas.

É importante destacar que este modelo de iniciar a tríade ensino-pesquisa-extensão com a extensão não é algo que ocorre apenas para o Professor 3. De acordo com o Professor 6, a preocupação com a comunidade em a priori é algo existente no programa. Todavia, a

estruturação da frase “*Mas a gente tem colegas aqui [...]que têm uma preocupação com a comunidade muito grande e que a pesquisa vem depois*” permite concluir que existem também casos de professor que pouco se preocupam com a extensão ou com a comunidade, revelando assim uma heterogeneidade dentro do programa.

Ademais, existe também a questão preocupação com a sociedade e extensão, a qual não é homogêneo no programa. Na verdade, é importante destacar que alguns projetos de extensão podem ser um reflexo da questão das novas regras da CAPES quanto á pontuação de extensão para classificação dos programas de pós-graduação, e não uma legítima preocupação em socializar o conhecimento produzido pelo campo. Por fim, conforme destacado pelo Professor 2, há aqueles que enxergam a extensão como algo necessário para a formação, tanto na graduação quanto na pós-graduação, o que em conjunto das reflexões anteriores evidenciam uma dificuldade para visualizar a tríade ensino-pesquisa-extensão.

Ainda, algumas outras dimensões apresentadas como integrante desta temática apareceram de forma mais individualizada, como a questão da internacionalização de parcerias, que segundo o Professor 6, embora seja importante e interessante, não é algo que seja uma prioridade para seu grupo de pesquisa. Outra questão é a parceria com empresas, cuja solidificação não é vista de forma positiva pelo Professor 2.

Por fim, o Professor 4 destaca que ser membro da UFMG pode proporcionar privilégios. Seu relato exemplifica um discurso de superioridade da produção acadêmica, e conseqüentemente do corpo docente, da instituição, e que este abre portas para oportunidades de parcerias. Contudo, ao utilizar a expressão “*que acha que é feito aqui na UFMG*” fica claro que implicitamente o discurso defendido anteriormente não é compatível com a realidade. Dessa forma, o Professor 4 relata, implicitamente, que não acredita nesta narrativa, e que pelo contrário, o nível dos trabalhos de EOR não são necessariamente sempre superiores aos das demais faculdades, e conseqüentemente, nem todos os professores atuantes no departamento refletem o discurso de excelência da UFMG.

### **4.3 Principais desafios enfrentados dentro do campo**

Nesta parte da entrevista foram levantadas questões referentes aos desafios enfrentados pelos professores na produção de conhecimento científico, as barreiras encontradas e as principais dificuldades. O principal desafio apontado explicitamente pelos professores entrevistados, diz respeito às políticas de investimento em pesquisa do governo. De forma unânime, o discurso predominante revelam um desagrado com a política federal de investimento em educação. Todavia, é interessante destacar que em alguns casos, como no discurso dos Professores 2 e 3 há explicitamente uma crítica ao rumo da política nacional ao utilizarem termos como “genocida” e “golpe”, o que permite verificar seu posicionamento político de forma evidente.

Para o Professor 4, esta discordância ocorre de maneira mais velada, com o uso de ironias evidenciando tais posições. Já o Professor 5 expressa uma certa tentativa de compreensão do movimento de alocação de recursos do governo, onde chega à conclusão de que se for mantido este movimento o futuro da área será comprometido.

Como reflexo deste movimento de cortes, verifica-se que os entrevistados questionam e criticam a infraestrutura da UFMG para pesquisas em EOR. De fato, embora os cortes de investimentos em Ifs nos últimos anos tenham sido impactantes, historicamente as rubricas destinadas às ciências sociais aplicadas sempre foi inferior que os das ciências exatas e naturais. Deste modo, pode-se inferir que, embora os cortes tenham afetem todas as áreas das

universidades públicas, a área de administração, a qual engloba EOR, teve um impacto ainda maior. Esta constatação é mencionada pelo Professor 6.

Como consequência, alguns desafios foram pontuados nas entrevistas. O Professor 1 relata a questão de traduções e revisões de textos, ao passo que o Professor 4 pontua a questão das bolsas de pós-graduação e extensão. Já o Professor 3 defende com preocupação uma aparente relação que associa financiamento com o nível de competência do professor. Por fim, o Professor 6 expõe dificuldades para aquisição de materiais e softwares bem para conseguir se manter atualizado e visar internacionalização das pesquisas.

Desta forma, percebe-se a partir dos relatos um discurso que constata “estrangulamento da área” que afeta em diferentes níveis a produção acadêmica não apenas nas pesquisas, mas também no ensino e extensão. Este é condizente com o discurso velado dos últimos governos de sucateamento das universidades públicas, o qual não surpreendentemente, os professores entrevistados são contras. De fato, existe ainda um fator mais agravante. Os entrevistados tem como principal vivência a realidade da UFMG, umas das maiores instituições do país. Desta forma, estes mesmos destacam esta consciência e preocupação com relação às demais universidades públicas. Em relato, o Professor 5 destaca que:

*"Nossa, eu tenho muitos colegas que estão lá em outros lugares por aí, que adorariam ter uma... uma redistribuição aqui na UFMG, porque aqui algumas coisas acontecem, pode estar difícil, pode estar com muita dificuldade, mas tá melhor que muito lugar [risos]."*

Não obstante, existe também um discurso de que “*não basta ser da UFMG para ter acesso*”, o que sinaliza uma desigualdade para o recebimento de financiando interno de projetos. De acordo com os relatos coletados, existem aspectos pessoais e teóricos que são levados em consideração para a alocação orçamentária interna.

Por fim, no que tange aspectos de financiamento externo, sendo os citados editais da CAPES, CNPq e Fapemig, o discurso predominante é que não apenas houve uma redução no volume destes editais e seus respectivos recursos, mas também que há uma tendência de editais cada vez mais restritos e específicos. Desta forma, alguns dos professores argumentam uma dificuldade para trabalharem junto a estes órgãos de fomento em determinados temas ou teorias, bem como não apenas os criticam por conta de um posicionamento “quadrado” como também destacam que permanecer passivo irá tornar cada vez mais difícil reverter este quadro.

Apesar disso, em seu relato, o Professor 5 descreve facilidade para conseguir acesso aos recursos, uma vez que acredita estar mais alinhado aos interesses do governo federal em termos de pesquisa, embora destaque também que reconhece a redução do investimento nacional nas UFs. Todavia, existe concomitantemente um discurso de “temos que continuar tentando”. Este aspecto é fundamental para complementar a questão da crítica feita anteriormente quanto a ser passivo no atual cenário dos editais de financiamento.

Com base nas análises anteriores, percebe-se que de forma geral o discurso dos professores é contra o corte de verbas para as pesquisas em EOR. Estes destacaram também as consequências destes cortes às três dimensões da universidade que afetam diretamente ou indiretamente tanto dos discentes quanto os discentes. Por fim, foi possível verificar também um discurso de que as questões de linhas teóricas e aspectos interpessoais possuem impacto no acesos a recursos financeiros, refletindo assim mais uma vez a fragmentação do campo.

Especificamente sobre volume de produção exigida tanto para a manutenção dos docentes no programa de pós-graduação como também exigida pelas avaliações da CAPES, os relatos apresentam uma grande insatisfação. Além disso, foi apresentado uma certa incoerência entre o volume de produção exigida com a qualidade das pesquisas. Mais especificamente, o

Professor 5 especifica que essa mentalidade produtivista acaba impactante também na dedicação à docência, e que para ele, esse impacto não é levado em consideração pela CAPES.

*"[...] essa nossa meta de produção tal [gesticulando] que eu acho alto e... ela acaba tirando muita gente de dedicação a sala de aula. E eu acho que a sala de aula é um espaço sagrado, só que a CAPES não contempla, entendeu? Ela não valoriza. Ela quer produção, quer pesquisa [gesticulando e alterando tom de voz]."*

Ademais, os professores relatam também problemas para a publicação de seus estudos. Mais uma vez, esbarrando com questões fragmentação e parcialidade, os editores e parecidas das revistas, conforme discutido pelo Professor 3, tem uma preferência por “estudos dentro das tradições mais aceitáveis ou mais palatáveis, dentro de uma visão positivista da administração [...]”. Indo ao encontro destas ideias, o Professor 1 destaca que “dependendo de quem é o editor ele põe uma barreira que você não entra nela nunca mais”.

Assim, pode-se verificar a existência de barreiras para publicações e produtivíssimo que não apenas afetam a disseminação de conhecimentos, como também acaba em por em xeque algumas questões tais como para quem produzir, como produzir, qual objeto ou tema de pesquisa. Assim, umas das consequências do produtivismo somado com barreiras para publicação é a seleção de temas que sejam mais fáceis de serem publicados.

Desta forma, foram levantadas questões sobre o que os entrevistados acreditavam serem temas de maior interesse dentro da academia. Nesse sentido, é interessante destacar que, segundo os relatos dos entrevistados, “diversidade” pode ser visto como principal tema do momento, englobando estudos cujos enfoques envolvem sobretudo raça, sexualidade e gênero. Tomando como exemplo a enunciação do Professor 3, este declara que acha que se trata de uma pauta importante e que ainda necessita de militância para seu avanço no sentido de obtenção de direitos, visibilidade e respeito social. Todavia, este percebe-se que em geral a forma que as pesquisas sobre o tema vêm sendo feita não é a forma mais adequada, carecendo sobretudo de conhecimento e engajamento com o tema.

*"[...]no campo de estudos organizacionais, eu posso te dar uma temática que é a do momento, que é a diversidade. Todo mundo quer escrever hoje em dia sobre diversidade, porque tem que ser [...] virou um assunto quase que assim... inevitável, mas mais por uma questão de oportunismo mesmo, por uma agenda, porque, afinal de contas, ninguém quer se assumir homofóbico, racista, coisa do gênero, do que propriamente compromisso com isso."*

Ademais, para o Professor 1, a ideia de diversidade “*não pode ficar tratando só a parte da perspectiva das ciências sociais sem uma relação maior com [...] com essa prática, com essa práxis* Essa declaração vai ao encontro da afirmação do Professor 6, de que é necessário vincular tais pesquisas a propostas de políticas públicas de inclusão e que não apenas estas pautas de inclusão são necessárias como são “*uma obrigação de um ser humano*”.

A partir destes relatos, percebe-se que há uma preocupação com inclusão e diversidade dentro da academia, mas que esta muitas vezes ocorre apenas por motivos de facilitação de publicação, desvinculando assim com preocupações práticas das pesquisas, isto é, como seu trabalho pode auxiliar neste movimento.

De forma complementar, alguns pontos quanto a forma geral de operacionalizar as pesquisas de EOR também forma levantados pelos docentes entrevistados. Primeiramente, o Professor 1 e Professor 3 comentaram uma “cultura de likes” como um fenômeno cada vez mais comum dentro do campo da administração. Nesse contexto, os professores destacam não se tratar de uma generalização, reconhecendo o profissionalismo de alguns pares, mas que infelizmente

existem aqueles que se preocupam em repercussão nas mídias, número de prêmios e autopromoção.

Esse movimento também foi questionado pelo Professor 6 ao dizer que é necessário diferenciar relevância da pesquisa e ego, destacando que muitas das produções que veem sendo feitas tem como objetivo final não a sociedade, mas sim ser mais bem visto pela academia. Desse modo, o professor completa destacando que é fundamental diferenciar essa “visibilidade social e visibilidade acadêmica”.

Outra crítica feita tem como enfoque a conscientização do pesquisador acerca da responsabilidade social da qual ele é investido durante uma pesquisa por duas razões. Primeiramente, verifica-se um discurso de que o objeto de estudo deveria ser mais respeitado, sobretudo por se tratarem de pessoas que se permitem serem objetos de estudo tendo em mente que estarão auxiliando, conjuntamente com o pesquisador, a melhorar sua realidade, o que na prática, parece se perder. Em segundo lugar, o pesquisador trás o nome da instituição a qual está vinculado e indiretamente, de seus pares, de forma que sua práxis impacta em como estes serão vistos pelo demais.

De um ponto de vista epistemológico, as principais críticas à práxis feita pelo Professor 4 vão em duas direções correlacionadas. A primeira delas tem como enfoque a ausência de diálogos dentro das diferentes correntes teóricas e metodologias na academia. Segundo o relato, seu sentimento é que estes espaços de diálogos morreram, o que corroborar com a preocupação do Professor 1, de que este movimento rumo em direção a críticas destrutivas e não construtivas, e do Professor 5, de que a academia está se tornando cada vez mais grupos fechados que não interagem entre si.

Já a segunda crítica trata de uma preocupação de como as propostas de mudanças sociais veem sendo feitas. Em suma, o entrevistado expressa que, em geral, as soluções propostas, quando incluídas nas pesquisas, parecem estar mais voltadas para uma manutenção dos cerne dos problemas do que expor continuamente diversas dimensões de tensionamentos e contradições, sendo estes os elementos que de fato contribuem para o avanço da ciência.

A partir destes relatos, percebe-se que o foco central da crítica quanto a este tema decorre do desvio da finalidade esperada de uma ciência social: a sociedade. Seja pelas consequências da questão produtivista já discutida, pela cultura de likes e visualizações que reinam na sociedade atual ou mesmo por ignorância, o fato é que, pelos relatos, o profissionalismo e comprometimento com uma melhora real da sociedade parece estar cada vez mais ausente dentro do campo de EOR. Deste modo, as pesquisas produzidas acabam por ficarem rasas e com pouco impacto social e acadêmico, que por sua vez auxilia na manutenção do preconceito quanto as produções das ciências sociais aplicadas. Este por sua vez, acaba por retroalimentar o ciclo de disputas por financiamento e reconhecimento na área, agravando a fragmentação do campo.

Por fim, após a primeira entrevista feita, questões relacionadas ao machismo na academia se mostraram como indagações interessantes para compreender a realidade do campo de EOR. Desta maneira, após essa questão ter sido abordada de forma espontânea pela primeira entrevistada do grupo de professores, este questionamento foi levado adiante nas entrevistas com outras professoras.

Sobre esta pauta, primeiramente, alguns dos relatos destacam que o machismo ocorreu desde o início da carreira, sendo dito, implicitamente ou explicitamente para a entrevistada, que a ascensão na carreira estava associada com favoritismo por algum professor. Complementando este discurso, é relatado também que essa questão de misoginia sempre existiu no mundo, e que muitas vezes algumas pessoas acham que ela não existe, pois a situação já se naturalizou.

Além disso, há relatos mais atuais do comportamento de professores para com as professoras, como nos relatos “*para um homem é muito difícil ouvir um não de uma mulher*” e “*a gente tem, a gente repara nas nossas próprias reuniões para questões de vozes que são aumentadas. As trocas de olhares, os comentários [...]*”. Como conclusão, uma professora destacou que sua sensação é de que não há um problema em ser mulher dentro da academia, o problema é quando se é uma mulher questionadora dentro da academia.

É interessante destacar que um dos professores entrevistado, embora não tenha sido questionado sobre esta questão, revelou esta preocupação e a estendeu para com as alunas, associando sobretudo com questões de assédio que são silenciados. Ademais este se mostrou insatisfeito com a ausência de estudos que relatam estes fatos que tentam ser “jogados para debaixo do tapete da academia”.

Não obstante, as respostas das professoras apontavam alguns outros fatores tão ou mais impactantes que estes durante seu percurso acadêmico e na atualidade, de forma que o núcleo temático passou a agregar outras questões associadas com o machismo. Para uma das professoras, a questão da idade se mostrou mais impactante para como os colegas a tratavam.

Já para outra, o impacto de ser mãe acaba por exigir mais de um pesquisadora. Dessa forma, esta destaca que, embora não se arrependa de forma alguma de ser mãe, há um maior desgaste físico e mental da mulher que também é mãe, e que isso se reflete em todos os locais de trabalho, inclusive na academia. Todavia, alguns trechos de entrevistas destacam que não basta reconhecer questão do machismo. Nesse sentido, é defendido a necessidade de uma postura ativa para mudar a situação:

*"Só tem um jeito essas coisas irem mudando, no caso aqui da instituição, que é as pessoas se disporem. É uma das muitas coisas que eu mais falava em certos grupos. 'Aqui, meninas estão achando ruim? Se candidata.' Só que para tem um preço para pagar. Tempo. Energia. Tem se sujeitar a comentários ou comportamentos que você vê que são nitidamente discriminatórios [gesticulando]."*

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender o campo de EOR, foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas com professores efetivos do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais. A escolha da universidade se deu pelo destaque e excelência que esta possui, bem como uma estrutura e orçamento que se destacam em relação aos seus pares no Brasil. Ademais, esta possui um conjunto de docentes de destaques e com diferentes alinhamentos onto-epistemológicos que possibilitam acessar a múltiplas visões sobre o campo de EOR.

Primeiramente, percebemos que o campo de EOR ainda está em disputa, tanto no aspecto metodológico (quantitativo x qualitativo) como no teórico. Deste modo, ao longo das entrevistas, foram identificadas visões de diferentes sub-realidades em decorrência das epistemes e métodos mais utilizados pelos pesquisadores. Ainda, estas disputam geram lutas de grupos dentro do campo que, segundo os relatos, se associam mais à questões de vaidade e poder do que preocupação com avanço científico.

Outro desafio destacado diz respeito as questões de financiamento e produtividade. Para os entrevistados, existe um movimento de incentivo para de incremento do volume de publicações que não é acompanhado pelo volume de verbas direcionados ao financiamento de produção científica. Deste modo, foi identificado que, para os entrevistados, há certa incoerência entre as políticas produtivistas e que, dada a fragmentação do campo, editais e revistas tendem a

priorizar determinadas *práxis* que outras, prejudicando assim tanto o acesso a recursos quanto às publicações.

Sobre a fragmentação, ainda, há incidência também na forma de produção científica. Para alguns, a pesquisa não é fruto apenas do próprio pesquisador, mas também é originada em programas de extensão e em sala de aula. Por outro lado, outros entendem que extensão ocorre a *posteriori*, com a entrega dos resultados científicos para a sociedade. Ainda dentro deste contexto, foi constatado que a diferença de gênero ainda é um tabu, no sentido de apresentar mais desafios para o campo.

Além disso, também foi levantado um questionamento sobre a não preocupação dos pesquisadores a respeito dos aspectos sociais intrínsecos de seus objetos de pesquisa. Também foi detectada uma sensação de que muitos estudos recentes tendem a seguir tendências “da moda”, o que nada acrescentam na produção e construção do conhecimento científico

Deste modo, com base nos relatos e nas reflexões, verificamos uma visão pessimista para o futuro do campo, ao qual está tendendo a se tornar algo raso e de pouco impacto social. Além disso, a profunda fragmentação da área reforça a falta de diálogo entre agentes do campo, sendo uma das engrenagens que encaminham o campo para o *status* o qual se encontra hoje. Ressalva-se, por fim, que o objetivo do estudo não foi produzir um esgotamento sobre o tema, mas sim, contribuir para elucidar as principais dificuldades dos pesquisadores em EOR, bem como as fragilidades e percalços existentes neste, visando, sobretudo, gerar reflexões aos leitores sobre como estes se posicionam neste campo e como suas atitudes o estão impactando

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, W. C. Conducting semi-structured interviews. In: WHOLEY, J. S.; HATRY, H. P.; NEWCOMER, K. E. (Eds.). . Handbook of Practical Program Evaluation. 3. ed. New Jersey: John Wiley & Sons, 2010. p. 495–505.
- BARDIN, L. Análise de Conteúdo. 1a edição ed. Lisboa: Edições 70, 2015.
- BARTL, M.; KANNAN, V. K.; STOCKINGER, H. A review and analysis of literature on netnography research. International Journal of Technology Marketing, v. 11, n. 2, p. 165–196, jan. 2016.
- BLUHM, D. J. et al. Qualitative Research in Management: A Decade of Progress. Journal of Management Studies, v. 48, n. 8, p. 1866–1891, 2011.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. Em Tese, v. 2, n. 1, p. 68–80, 1 jan. 2005.
- BOURDIEU, P. A Dominação Masculina - Estacao Cultural. Rio de janeiro: Bertrand, 1999.
- BUCHANAN, D. A.; BRYMAN, A. Contextualizing Methods Choice in Organizational Research. Organizational Research Methods, v. 10, n. 3, p. 483–501, 1 jul. 2007.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. Sociological Paradigms and Organisational Analysis: Elements of the Sociology of Corporate Life. Vermont: Ashgate, 1979.
- CARRIERI, A. DE P.; CORREIA, G. F. A. Estudos Organizacionais no Brasil: Construindo Acesso ou Replicando Exclusão? RAE, v. 60, n. 1, p. 59–64, 1 jan. 2020.
- CORNELISSEN, J. P. Preserving Theoretical Divergence in Management Research: Why the Explanatory Potential of Qualitative Research Should Be Harnessed Rather than Suppressed. Journal of Management Studies, v. 54, n. 3, p. 368–383, 2017.

- COUTO, F. F.; HONORATO, B. E. F.; SILVA, E. R. DA. Organizações Outras: Diálogos Entre a Teoria da Prática e a Abordagem Decolonial de Dussel. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 23, p. 249–267, 18 abr. 2019.
- CURY, C. R. J. Quadragésimo ano do parecer CFE no 977/65. *Revista Brasileira de Educação*, p. 07–20, dez. 2005.
- DENZIN, N. K. (ORG ); LINCOLN, Y. S. (ORG ). A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. Em: *O planejamento da pesquisa qualitativa : teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15–41.
- DOWNEY, H. K.; IRELAND, R. D. Quantitative Versus Qualitative: Environmental Assessment in Organizational Studies. *Administrative Science Quarterly*, v. 24, n. 4, p. 630–637, 1979.
- DUBERLEY, J. The future of qualitative research: unity, fragmentation or pluralism? *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, v. 10, n. 4, p. 340–343, 1 jan. 2015.
- ERGENE, S.; BANERJEE, S. B.; HOFFMAN, A. J. (Un)Sustainability and Organization Studies: Towards a Radical Engagement. *Organization Studies*, v. 42, n. 8, p. 1319–1335, 1 ago. 2021.
- FARIA, J. H. DE. Teoria crítica em estudos organizacionais no Brasil: o estado da arte. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 7, p. 509–515, set. 2009.
- FERRAZ, D. L. DA S.; CHAVES, R. H. S.; FERRAZ, J. DE M. Para Além da Epistemologia: Reflexões Necessárias para o Desenvolvimento do Conhecimento. *REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)*, v. 24, p. 1–30, ago. 2018.
- FISCHER, M.; LYON, S.; ZEITLYN, D. Online Environments and the Future of Social Science Research. Em: *The SAGE Handbook of Online Research Methods*. 55 City Road: SAGE Publications Ltd, 2017. p. 611–627.
- FISCHER, T. Alice através do espelho ou Macunaíma em campus papagalli? Mapeando rotas de ensino dos estudos organizacionais no Brasil. *Organizações & Sociedade*, v. 10, p. 47–62, dez. 2003.
- FRANCO, M. LAURA P. B. Análise de conteúdo. 2 Ed. ed. Brasília: Liber Livro Editora Ltda., 2005.
- GEPHART, R. P. Qualitative Research and the Academy of Management Journal. *Academy of Management Journal*, v. 47, n. 4, p. 454–462, ago. 2004.
- HARLEY, B.; FAEMS, D. Theoretical Progress in Management Studies and the Role of Qualitative Research. *Journal of Management Studies*, v. 54, n. 3, p. 366–367, maio 2017.
- JOHNSON, P. Evaluating qualitative research: past, present and future. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, v. 10, n. 4, p. 320–324, 7 dez. 2015.
- KUHN, T. S. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago (University of Chicago Press) 1962. Chicago: University of Chicago Press, 1962.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. DE A. *Técnicas de Pesquisa*. 9a edição ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- LEE, B.; CASSELL, C. Research Methods and Research Practice: History, Themes and Topics. *International Journal of Management Reviews*, v. 15, n. 2, p. 123–131, 2013.
- MACHADO-DA-SILVA, C. L.; CUNHA, V. C.; AMBINI, N. Organizações: o estado da arte da produção acadêmica no Brasil. Em: *ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO*. Flórianópolis, 1990.
- MASTERMAN, M. The Nature of a Paradigm. Em: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (Eds.). *Criticism and the Growth of Knowledge*. 1. ed. London: Cambridge University Press, 1970. p. 58–89.

- MELO, N. C. M. DE; DOURADO, D. C. P. Pistas para o Desenvolvimento Paradigmático dos Métodos de Pesquisa Qualitativa On-Line. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 26, 25 fev. 2022.
- MEUSER, M.; NAGEL, U. ExpertInneninterviews — vielfach erprobt, wenig bedacht. Em: GARZ, D.; KRAIMER, K. (Eds.). *Qualitativ-empirische Sozialforschung: Konzepte, Methoden, Analysen*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 1991. p. 441–471.
- MINAYO, M. C. DE S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.
- MORGAN, G. Paradigms, Metaphors, and Puzzle Solving in Organization Theory. *Administrative Science Quarterly*, v. 25, n. 4, p. 605–622, 1980.
- MOURA, E. G. DE; CAMARGO JUNIOR, K. R. DE. A crise no financiamento da pesquisa e pós-graduação no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 33, p. e00052917, 18 maio 2017.
- NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e Possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1–5, 1996.
- PAULA, A. P. P. D. *Repensando os estudos organizacionais: para uma nova teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.
- PINTO, F. L. B.; RIBEIRO, E. M. História, Literatura e Estudos Organizacionais: Novos Olhares Sobre as Obras de Jorge Amado. *Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, v. 5, n. 12, p. 198–267, 21 maio 2018.
- REIS FILHO, P. Subjetividade e Entrevistas com Especialistas. Laboratório de Cenários da Agência UFRJ de Inovação: UFRJ, 2019. Disponível em: <[http://www.inovacao.ufrj.br/images/vol\\_31\\_subjetividade\\_entrevistas\\_especialistas\\_2019](http://www.inovacao.ufrj.br/images/vol_31_subjetividade_entrevistas_especialistas_2019)>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- RIBEIRO, D. B. et al. Financiamento à ciência no Brasil: distribuição entre as grandes áreas do conhecimento. *Revista Katálysis*, v. 23, p. 548–561, 16 out. 2020.
- RODRIGUES, S. B.; CARRIERI, A. DE P. A tradição anglo-saxônica nos estudos organizacionais brasileiros. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 5, p. 81–102, 2001.
- SA, M. et al. De Onde Viemos, Para Onde Vamos? Autocrítica Coletiva e Horizontes Desejáveis aos Estudos Organizacionais no Brasil. *RAE*, v. 60, n. 2, p. 168–181, 1 mar. 2020.
- TEIXEIRA, E. B. A Análise de Dados na pesquisa Científica: importância e desafios em estudos organizacionais. *Desenvolvimento em Questão*, v. 1, n. 2, p. 177–201, 2003.
- THIOLLENT, M. Estudos Organizacionais: Possível Quadro Referencial e Interfaces. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, v. 1, n. 1, p. 17–29, 2014.
- VASCONCELOS, P. F. DE et al. Financiamento da pesquisa no Brasil ao longo de dez anos / Financing research in Brazil over ten years. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 3, p. 21258–21271, 2 mar. 2021.
- WILHELMY, A.; KÖHLER, T. Qualitative research in work and organizational psychology journals: practices and future opportunities. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, v. 31, n. 2, p. 161–185, 4 mar. 2022.
- ZALUAR, A. Ética na pesquisa social: novos impasses burocráticos e paroquiais. *Revista Brasileira de Sociologia - RBS*, v. 3, n. 5, p. 133–158, 5 jun. 2015.
- ZIOLI, E. G. D. O.; ICHIKAWA, E. Y.; MENDES, L. Contribuições de Deleuze e Guattari para uma perspectiva rizomática das organizações. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 19, p. 552–563, 13 set. 2021.